



GT 1. ECONOMIA SOCIAL, ECONOMIA DO TRABALHO E DEMOGRAFIA.

MIGRAÇÕES NAS CIDADES MÉDIAS NÃO METROPOLITANAS DA BAHIA EM 2000 E 2010

MIGRATIONS IN MEDIUM-SIZED NON-METROPOLITAN CITIES OF BAHIA IN 2000 AND 2010

Wellington Tavares Belém Júnior

Graduando em Ciências Econômicas, Departamento de Economia, Universidade Regional do Cariri
(URCA).

welington.junior@urca.br

Silvana Nunes de Queiroz

Doutora em Demografia pelo NEPO/UNICAMP, Professora Adjunta do Departamento de
Economia e do Programa de Pós-Graduação em Economia Regional e Urbana da Universidade
Regional do Cariri (PPGERU/URCA), Professora do Programa de Pós-Graduação em Demografia
(PPGDEM/UFRN).

silvana.queiroz@urca.br

Ricardo Monteiro de Carvalho

Mestrando em Demografia pelo Programa de Pós-Graduação em Demografia (PPGDEM/UFRN),
Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

ricardo.monteiro.011@ufrn.edu.br



MIGRAÇÕES NAS CIDADES MÉDIAS NÃO METROPOLITANAS DA BAHIA EM 2000 E 2010

MIGRATIONS IN MEDIUM-SIZED NON-METROPOLITAN CITIES OF BAHIA IN 2000 AND 2010

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar as migrações inter-regional (longa distância), intrarregional (média distância) e intraestadual (curta distância) das e para as cidades médias não metropolitanas da Bahia, em 2000 e 2010, para observar quem ganha ou perde população. Para tanto, foram utilizados os microdados do Censo Demográfico de 2000 e 2010. O estudo mostrou uma maior migração bruta (soma de imigrante e emigrante) no fluxo de longa e, principalmente, curta distância, resultado também encontrado em outros estudos que tratam sobre o tema, mostrando a importância da migração intraestadual no século XXI, diferente da dinâmica observada na Bahia, notadamente, entre 1950 até 1990. Todas as cidades médias (aquelas de 100 até 500 mil habitantes) no escopo da presente pesquisa registram perda de migrantes no fluxo inter-regional (longa distância), mas demonstraram um papel relevante na atração intrarregional (média distância), com destaque para o fluxo intraestadual (curta distância). Os resultados apontam que no fluxo inter-regional, em ambos os Censos Demográficos, todas as cidades médias do estudo apontaram saldo migratório negativo, prevalecendo as perdas de longa distância. Contudo, no fluxo intrarregional, Juazeiro foi o mais atrativo, enquanto no deslocamento intraestadual, os maiores saldos migratórios foram em Barreiras e Porto Seguro, em 2000 e 2010, respectivamente. Portanto, fica evidente que algumas cidades médias não metropolitanas da Bahia são importantes para atrair migrantes e reduzir a concentração populacional nas metrópoles e capitais, como a RMS e Salvador.

Palavras-chave: Bahia; Cidades médias; Não metropolitanas; Migrações.

ABSTRACT

The objective of this study is analysing the interregional (long distance), the intraregional (medium distance) and the intrastate (short distance) migrations to and from medium-sized non-metropolitan cities in Bahia, in 2000 and 2010, to observe who gains or loses population. To this end, microdata of 2000 and 2010 Demographic Census were used. The study showed a higher gross migration (sum of immigrants and emigrants) in the long-distance and, mainly, short-distance flow, a result also found in other studies that deal with the subject, showing the importance of intrastate migration in the 21st century, different from the dynamics observed in Bahia, notably, between 1950 and 1990. All medium-sized cities (those with 100 to 500 thousand habitants) within the scope of this research recorded a loss of migrants in the interregional flow (long-distance), but demonstrated a relevant role in the intraregional attraction (medium-distance), with emphasis on the intrastate flow (short-distance). The results indicate that in the interregional flow, in both Demographic Censuses, all medium-sized cities in the study showed a negative migration balance, with long-distance losses prevailing. However, in the intra-regional flow, Juazeiro was the most attractive, while in the intrastate movement, the largest migration balances were in Barreiras and Porto Seguro, in 2000 and 2010, respectively. Therefore, it is clear that some non-metropolitan medium-sized cities in Bahia are important for attracting migrants and reducing the population concentration in metropolises and capitals, such as the RMS and Salvador.

Keywords: Bahia; Medium-sized cities; Non-metropolitan; Migrations.



1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cidades médias são centros urbanos que possuem população entre 100 mil e 500 mil habitantes. No Brasil, passam a apresentar um forte dinamismo demográfico a partir dos anos de 1970, quando a população urbana supera a rural, resultado das migrações e saldos migratórios positivos. Outro momento importante de aumento no número de cidades médias no país, ocorre durante os anos de 1980, com o processo de desconcentração populacional das metrópoles, ocasião em que os indivíduos se deslocam para áreas periféricas metropolitanas e/ou para o interior dos estados, principalmente, a partir da década de 1990 (Andrade; Santos; Serra, 2000; Queiroz *et al.*, 2020).

Mas desde a década de 1950, o país assistiu a um aumento considerável de cidades de todas as classes e tamanhos, resultando em uma concentração populacional nas maiores. Assim sendo, esses centros urbanos medianos, possuem um importante papel no que diz respeito ao desenvolvimento urbano nacional, podendo oferecer um maior equilíbrio interurbano, reduzindo o fluxo migratório para as grandes metrópoles, pois aponta para uma maior organização econômica e social, aumentando as relações entre os seus habitantes (Soares, 1999; Sahr, 2001).

Diante disso, evidencia-se que especialmente a partir do século XXI, o crescimento populacional do Brasil tem despontado no sentido de uma desconcentração espacial para o interior, principalmente para as cidades médias que, em certa medida, tem crescimento superior as grandes metrópoles. Essa dinâmica propiciou uma interiorização urbana, aumento da economia local e valorização desses territórios. Portanto, esse dinamismo tem instigado os pesquisadores a observar a importância das cidades médias no tocante ao seu crescimento populacional, a sua urbanização e relações socioeconômicas (Alencar; Justo, 2022).

A Tabela 1 evidencia que, em 2000, o Brasil possuía 193 cidades médias, enquanto o Nordeste contava com 37, e desse total, 23 (62,12%) estavam localizadas em áreas não metropolitanas. Por sua vez, em 2010, o número de cidades médias no Brasil passou para 245, o que significa um aumento de 26,94%. Já o Nordeste chegou a 47, representando uma variação de 27,03%, e no tocante as não metropolitanas, atingiu 30, ou seja, aumentou em 30,43%. Portanto, fica comprovado que a quantidade de cidades médias localizadas em áreas não metropolitanas do Nordeste cresceu relativamente mais do que no Brasil e no Nordeste.

Tabela 1: Quantidade de cidades médias – Brasil, Nordeste e não metropolitanas no Nordeste – 2000/2010

Local	2000	2010	Variação (%)
Brasil	193	245	26,94
Nordeste	37	47	27,03
Não metropolitanas no Nordeste	23	30	30,43

Fonte: Censos Demográficos 2000 e 2010 (IBGE, 2000 e 2010).

No que diz respeito as cidades médias localizadas em áreas não metropolitanas do Nordeste, de acordo com Queiroz *et al.* (2020), nos anos 2000, possuía 23, sendo quatro no Maranhão, uma no Piauí, três no Ceará, uma no Rio Grande do Norte, quatro em Pernambuco, uma em Alagoas, uma na Paraíba e oito na Bahia. Em 2010, sete atingiram esse perfil, duas no Maranhão (Açailândia e Bacabal), uma no Ceará (Itapipoca), uma na Paraíba (Patos) e três na Bahia (Eunápolis, Paulo Afonso e Porto Seguro), totalizando 30 cidades médias. Nesse contexto, o estado da Bahia se destaca com o maior número (11), sendo responsável por 36,7% do total. É válido destacar que Feira de Santana tinha uma população de 480.949 habitantes em 2000, ou seja, pelo critério adotado do IBGE seria uma cidade média. Contudo, em 2010, atingiu a marca de 556.642 habitantes, tornando-se uma cidade de grande porte. Por esse motivo ela não entrou na lista no primeiro ano do estudo.



Tabela 2: População das cidades médias não metropolitanas da Bahia – 2000/2010

Municípios	População 2000	População 2010	Variação (%)
Alagoinhas	130.095	141.949	9,11
Barreiras	131.849	137.427	4,23
Eunápolis	84.120	100.196	19,11
Ilhéus	222.127	184.236	-17,06
Itabuna	196.675	204.667	4,06
Jequié	147.202	151.895	3,19
Juazeiro	174.567	197.965	13,40
Paulo Afonso	96.499	108.396	12,33
Porto Seguro	95.721	126.929	32,60
Teixeira de Freitas	107.486	138.341	28,71
Vitória da Conquista	262.494	306.866	16,90
Cidades médias não metropolitanas da Bahia	1.648.835	1.798.867	9,10
Cidades do estado da Bahia	13.085.768	14.016.906	7,12
Cidades do Nordeste	47.782.486	53.081.950	11,09
Cidades do Brasil	169.872.854	190.755.799	12,29

Fonte: Censos Demográficos 2000 e 2010 (IBGE, 2000 e 2010).

A literatura já aponta estudos sobre cidades médias, além de outros sobre os determinantes migratórios, porém, pouco ou nada se sabe sobre essas temáticas juntas, principalmente em relação as cidades médias localizadas em áreas não metropolitanas da Bahia. Destarte, diante da importância do recorte espacial e objetivos propostos, e de hiatos sobre esse conteúdo, este trabalho se faz necessário ao ter como objetivo principal analisar as migrações inter-regional (longa distância), intrarregional (média distância) e intraestadual (curta distância) das e para as cidades médias não metropolitanas da Bahia, em 2000 e 2010, para observar quem ganha ou perde população.

Para atingir os objetivos propostos, este estudo utilizará os microdados dos Censos Demográficos 2000 e 2010, captados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Como estratégia metodológica, será utilizada a matriz migratória para identificar o volume de migrantes (imigrante e emigrante) e o saldo migratório.

Além desta introdução, este trabalho é composto por mais quatro seções. A segunda destaca a relevância das cidades médias para a economia baiana. A terceira apresenta os procedimentos metodológicos para atingir os objetivos propostos. A quarta analisa os resultados e discussões. Por último, a quinta seção traz as considerações finais do estudo.

2. RELEVÂNCIA DAS CIDADES MÉDIAS PARA A ECONOMIA BAIANA

Nessa seção será abordado como as cidades médias se relacionam com o planejamento urbano e regional, com a interiorização, atração de investimentos e de migrantes e, conseqüentemente, com o desenvolvimento econômico. O objetivo é mostrar que tais conceitos e dinâmicas estão interligados e não sendo possível pensar em economia sem esses centros urbanos, que também recebe na literatura o nome de “cidades intermediárias”.

Até meados de 1930, as cidades eram o centro com o entorno rural, mas devido ao aumento do fluxo migratório e da urbanização, que vai crescer exponencialmente a partir da década de 1940, as áreas rurais foram substituídas pelas urbanas, provocando muitas alterações nas relações sociais e econômicas nesses centros urbanos.

Segundo Amorim Filho e Serra (2001), o debate sobre as cidades médias é relativamente recente. A expansão da urbanização mundial, principalmente na década de 1950, foi um dos fatores que provocaram a necessidade de discutir questões como, por exemplo: planejamento urbano-regional,



que se tornou alvo de estudo de muitos pesquisadores. É válido destacar que a França é o palco inicial desses debates.

No Brasil não foi diferente, a partir de 1950 o país presenciou um aumento significativo do processo de urbanização em todos os tipos de cidades, e conseqüentemente, uma expansão da concentração demográfica/populacional em alguns centros urbanos, provocado pelos grandes fluxos migratórios da zona rural para a urbana. Outros períodos cruciais são as décadas de 1970 e de 1980, quando acontece o fenômeno de atração populacional, fazendo com que as cidades médias se tornassem mais atrativas. Esse movimento apresenta-se como uma forma de “escapar” da vida caótica nas grandes metrópoles. Dessa forma, as cidades médias começam a absorver uma parte desses intensos fluxos migratórios, evitando a ampliação dos problemas sociais nas grandes metrópoles (Amorim Filho e Serra, 2001).

Soares (1999, p.55) entende que “Com relação ao Brasil, as primeiras preocupações governamentais com essas aglomerações foram apresentadas no II PND - Plano Nacional de Desenvolvimento (1974-1979), que discutia a necessidade de fortalecer as metrópoles regionais e as cidades de porte médio”. A importância desses centros urbanos está na capacidade de estabelecer um maior equilíbrio interurbano, ou seja, interromper, ou pelo menos diminuir, o fluxo migratório em direção às metrópoles (Soares, 1999). Para tanto, é necessário que os governos municipal, estadual e federal fomentem projetos e criem incentivos para desenvolver as cidades médias, devido ao grande potencial e impactos positivos na economia e no desenvolvimento. Isso ampliaria o processo de interiorização do Brasil que é importantíssimo para atingir um equilíbrio populacional e reduzir as disparidades regionais.

O Brasil registrou um aumento no número de cidades médias nas últimas décadas, conforme apontado na Tabela 1. Portanto, isso evidencia por si só a importância que elas têm na economia dos seus estados, pois sem elas não existe planejamento urbano-regional, logo, não tem como um país se desenvolver. Conforme o que foi defendido por Amorim Filho e Serra (2001, p.27):

Assim, hoje como outrora, as cidades médias continuam a ser valorizadas como um fator de equilíbrio para as redes e hierarquias urbanas de muitos países, principalmente aqueles em que a dissimetria entre as cidades grandes e pequenas é mais forte. Outro aspecto bastante característico das cidades médias e que segue guardando toda a sua importância tem a ver com as conhecidas funções de relação e de intermediação exercidas por elas entre, de um lado, as grandes cidades e, de outro, as pequenas cidades e o meio rural regional.

É necessário destacar que não existe um consenso quanto a definição de “cidade média”, e esse mesmo conceito já sofreu muitas alterações com o tempo, ou seja, não seria algo imutável. Na França, são consideradas cidades médias os centros urbanos com população entre 20.000 e 100.000 (Soares, 1999). Enquanto na Argentina e na União Europeia a classificação varia de 50.000 a 100.000 e 150.000 a 600.000, respectivamente. Por sua vez, o Banco Mundial considera cidades médias os centros urbanos com até 1.000.000 de habitantes, e a ONU com população entre 100.000 e 3.000.000 (Queiroz *et al.*, 2020). Lembrando que foi utilizada nessa pesquisa o conceito do IBGE, que considera cidades entre 100.000 e 500.000 habitantes.

As cidades médias não são importantes apenas por causa do seu tamanho, mas também em função da relação com seu entorno, ou seja, com o seu espaço regional. Portanto, a importância dessas cidades para o desenvolvimento econômico está relacionada a sua localização geográfica e a rede em que está inserida (Staback; Ferrera, 2023).

É válido ressaltar que as cidades médias também passam pelo processo de metropolização, exercendo uma forte influência no seu espaço regional. Entretanto, existem cidades médias que fazem parte de regiões metropolitanas e as não metropolitanas. Em 2010, o Brasil registrava 30 cidades médias não metropolitanas no Nordeste, em 2022, esse número aumentou para 35, representando uma variação de 16,67% (conforme Tabela 1). Sendo superior à variação nacional e a do Nordeste, que foram 13,47% e 12,77%, respectivamente (conforme Tabela 1). Isso evidencia que as cidades médias



não estão somente nas regiões metropolitanas, mas fora das áreas metropolitanas do país e esse número vem crescendo desde a década de 1980 (Queiroz *et al.*, 2020).

Conforme a Tabela 2, todas as cidades médias não metropolitanas da Bahia, com exceção de Ilhéus e Itabuna, tiveram um aumento no número de habitantes. De acordo com Alencar e Justo (2022), a atração migratória é um fator crucial para o crescimento econômico e demográfico das cidades médias. Na medida que aumenta a busca por emprego, moradia e melhor qualidade de vida, esses centros urbanos têm um poder de atração muito relevante. Dessa forma, estudar e pesquisar os fluxos migratórios, considerando os seus determinantes, o saldo migratório é crucial para desenvolver políticas urbano-regional eficientes.

Portanto, com o aumento no número das cidades médias, principalmente as não metropolitanas na Bahia, é provável que o crescimento e o desenvolvimento econômico em regiões afastadas das metrópoles (geralmente no litoral), reduzam as disparidades regionais e alcance maior equilíbrio populacional (Staback; Ferrera, 2023). Consoante com Queiroz *et al.* (2020), esse crescimento do número de cidades médias não metropolitanas no Nordeste pode ser explicado pela: i) redistribuição espacial da atividade econômica pelo país; ii) à saturação dos grandes centros urbanos; iii) encarecimento desses espaços/terra e da mão de obra; iv) melhoria na qualidade de vida e menor custo de vida. Tudo isso combinado com o processo de interiorização dos investimentos públicos (a partir do II PND e ao longo dos anos 2000) e privados, como: educação, saúde, habitação e infraestrutura.

É válido destacar alguns aspectos econômicos como, por exemplo, ao analisar a Tabela 3 é possível perceber que, nas 8 (oito) cidades médias não metropolitanas da Bahia, em 2002, o setor de serviços foi o que teve maior participação no PIB. O segundo setor com maior participação foi a Indústria, com exceção de Barreiras¹ e Juazeiro² na quais o setor agropecuário teve um resultado maior do que o setor industrial. Assim, aquelas com maior e menor PIB, em 2002, foram, respectivamente, Ilhéus com R\$ 1.112,28 milhões e Teixeira de Freitas com R\$ 446,17 milhões. Entretanto, a cidade com o maior PIB per capita foi Barreiras com R\$ 6.850,64 e a menor foi Jequié com R\$ 3.048,83. É importante ressaltar que foram utilizados os dados de 2002 pois foi o primeiro ano de publicação desse levantamento feito pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Tabela 3: PIB Municipal, Valor Adicionado, PIB e PIB Per Capita a Preços Correntes, das Cidades Médias não metropolitanas da Bahia – 2000

Municípios	Valor Adicionado (R\$ milhões)			PIB (R\$ milhões)	PIB %	PIB Per Capita (R\$1,00)
	Agropecuária	Indústria	Serviços (1)			
Alagoinhas	30,31	134,85	325,86	674,12	10,69	5.073,42
Barreiras	223,86	105,43	406,48	824,28	13,08	6.850,64
Ilhéus	27,91	290,00	574,57	1.112,28	17,65	5.015,10
Itabuna	9,39	175,10	639,13	972,88	15,43	4.887,06
Jequié	20,99	61,91	314,18	450,35	7,14	3.048,83
Juazeiro	145,48	85,65	443,59	761,45	12,08	4.133,73
Teixeira de Freitas	40,85	66,76	286,82	446,17	7,08	3.980,89
Vitória da Conquista	44,20	120,86	734,24	1.061,93	16,85	3.927,80
Total Cidades Médias	543,00	1.040,56	3.724,86	6.303,46	100,00	-

Fonte: SEI / IBGE, 2000.

Com relação a 2010 (Tabela 4), é possível verificar que o setor de serviços continuou maior participação no PIB, com exceção de Paulo Afonso, no qual a indústria teve uma participação maior

¹ Barreiras se destaca na produção de soja, e em menor grau na produção de algodão, milho e café (Mondardo, 2012).

² Juazeiro/BA é reconhecido pela fruticultura irrigada, com destaque para manga e uva (Muniz Filho, 2020).



do que o setor de serviços. A única cidade que teve como segunda principal atividade a agricultura foi Barreiras. Das 3 (três) novas cidades médias em 2010 – Eunápolis, Paulo Afonso e Porto Seguro – a que mais se destaca é Paulo Afonso, com um PIB de R\$ 2.124,08 milhões. E as cidades médias não metropolitanas da Bahia com maior e menor PIB, em 2010, foram, respectivamente, Ilhéus com R\$ 2.567,20 milhões e Porto Seguro com R\$ 1.181,26 milhões. Contudo, a cidade com o maior PIB per capita foi Paulo Afonso com R\$ 19.591,43 e a menor foi Jequié com R\$ 8.264,19.

Tabela 4: PIB Municipal, Valor Adicionado, PIB e PIB Per Capita a Preços Correntes, das Cidades Médias não metropolitanas da Bahia – 2010

Municípios	Valor Adicionado (R\$ milhões)			PIB (R\$ milhões)	PIB %	PIB Per Capita (R\$1,00)
	Agropecuária	Indústria	Serviços (1)			
Alagoinhas	53,63	553,79	967,74	1.833,52	8,60	12.897,57
Barreiras	325,10	262,10	1.157,15	1.921,58	9,02	13.982,44
Eunápolis	46,01	424,53	753,59	1.372,27	6,44	13.688,99
Ilhéus	90,45	765,43	1.296,23	2.567,20	12,05	13.934,66
Itabuna	19,53	473,83	1.666,54	2.444,70	11,47	11.942,27
Jequié	27,52	216,30	870,05	1.255,50	5,89	8.264,19
Juazeiro	188,41	217,39	1.199,35	1.799,72	8,45	9.090,23
Paulo Afonso	16,74	1.434,83	602,95	2.124,08	9,97	19.591,43
Porto Seguro	43,94	113,66	927,72	1.181,26	5,54	9.318,16
Teixeira de Freitas	55,80	200,39	911,79	1.302,93	6,11	9.408,02
Vitória da Conquista	68,35	556,78	2.389,72	3.506,82	16,46	11.446,22
Total das Cidades Mé-	935,49	5.219,01	12.742,84	21.309,58	100,00	-

Fonte: SEI / IBGE, 2010.

Ao analisar as Tabelas 3 e 4, é possível concluir que todos os setores tiveram altas substanciais, assim como o PIB de forma geral, ao passar de R\$ 6.303,46 milhões para R\$ 21.309,58 milhões. Ademais, em 2002, a Bahia contava com 8 cidades médias não metropolitanas, já em 2010 esse número subiu para 11, representando uma variação de 37,5%. Possivelmente, isso explica por que todas as cidades médias não metropolitanas da Bahia tiveram uma redução na sua participação relativa no PIB em 2010 quando comparado a 2002, apesar do aumento em absoluto em reais, em todas oito cidades, entre 2002/2010. Contudo, algumas cidades tiveram um desempenho melhor do que as outras.

É conhecido que Barreiras tem um setor agropecuário forte, influenciado pelos migrantes sulistas (Mondardo, 2012). O grande diferencial da produção agrícola no oeste Bahiano é o baixo emprego de mão de obra, por causa dos avanços tecnológicos na produção (Guerra; Gonzalez, 2013). Todavia, de acordo com Mondardo (2012), o benefício gerado pela agropecuária não atingiu toda a sua população, e acentuou as históricas desigualdades sociais e territoriais.

Em 2002, Ilhéus possuía uma participação de 17,65% no PIB das cidades médias. Contudo, em 2010, esse número caiu para 12,05% (Tabelas 3 e 4). Uma possível explicação para este fenômeno, além do aumento do número de cidades médias, é a crise da economia cacauífera, ou “crise da vassoura-de-bruxa”, que vem impactando negativamente no desempenho econômico de Ilhéus desde a década de 1980 (Queiroz *et al.*, 2020). Isso fez com que essa cidade perdesse, parcialmente, o seu poder de atratividade demográfica, assim como influência regional.

Itabuna também é conhecida pela produção de Cacau, e assim como Ilhéus, enfrentou uma queda na economia cacauífera por causa da “vassoura-de-bruxa”. Outro fator que prejudicou a economia do cacau foi aumento na oferta de cacau no comércio global, se destacando nesse cenário a Indonésia e a Malásia, países sem muita tradição na produção desse tipo de produto (Guerra; Gonzalez, 2013).



Juazeiro se destaca no setor agropecuário e fruticultura, ficando apenas atrás de Barreiras (R\$ 325,10 milhões) no valor adicionado desse setor em 2010, quando aquele atingiu R\$ 188,41 milhões. De acordo com Guerra; Gonzalez (2013, p.12): “O polo de Juazeiro-Petrolina, do início dos anos 1970 até 1985, absorveu 25% do total dos investimentos públicos federais em irrigação no Nordeste”. Ou seja, houve um grande esforço para desenvolver esse pólo justamente por causa do seu potencial e da importância econômica para a região.

Por sua vez, segundo Santos (2009), no início das décadas de 1960/70, Jequié foi beneficiada pela implantação das indústrias de confecções, marcando o processo inicial de industrialização. A expectativa era que esse processo tornasse a cidade um polo de desenvolvimento, entretanto, isso não se consolidou. Entre os motivos, é possível destacar a falência de algumas das principais fábricas de roupas locais. Outro ponto que vai prejudicar a economia de Jequié é o fechamento da Estrada de Ferro Jequié/Nazaré (EFN), fazendo com que a cidade, assim como a região de sua influência, perdesse o contato com a área mais dinâmica do estado (Soares, 2009).

Uma das alternativas para enfrentar essa crise foi a indústria de confecções local, mas isso não foi suficiente para estimular ainda mais o crescimento (Soares, 2009). E os números mostram que Jequié foi uma das cidades médias não metropolitanas da Bahia, a que apresentou a segunda menor participação relativa no PIB, com 5,89%, ficando atrás apenas de Porto Seguro com 5,54%. Ademais, foi a que apresentou o menor PIB Per Capita, com somente R\$ 8.264,19.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

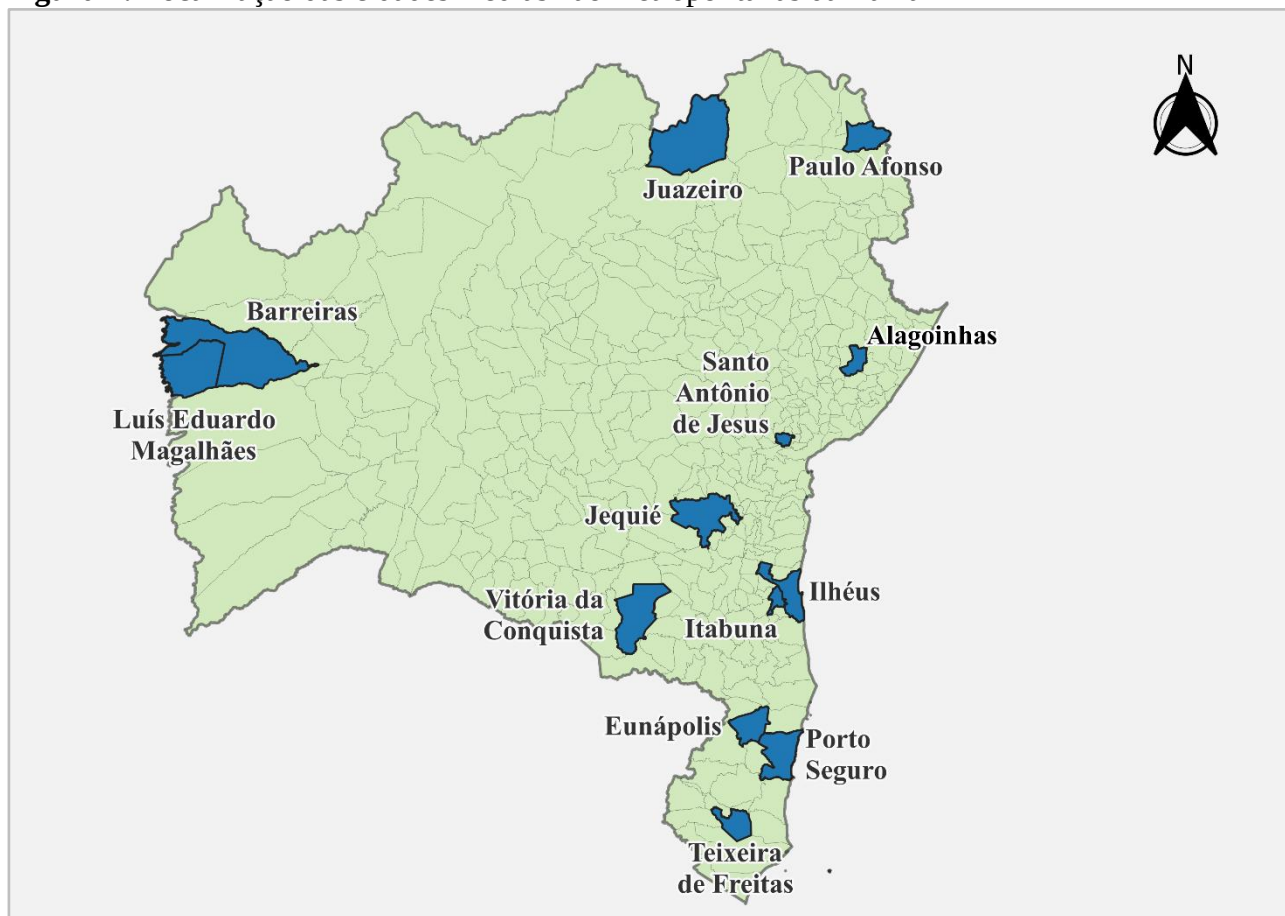
Com o objetivo de esclarecer os procedimentos metodológicos e sua aplicabilidade, esta seção se destina a apresentar as fontes de dados utilizadas, o recorte geográfico, temporal, os procedimentos para coleta e manipulação dos dados.

3.1 Recorte temporal, fontes de dados, delimitação do espaço geográfico e tratamento das informações

O recorte geográfico desta pesquisa são as cidades médias não metropolitanas do estado da Bahia, compreendidas por Alagoinhas, Barreiras, Eunápolis, Ilhéus, Itabuna, Jequié, Juazeiro, Luís Eduardo Magalhães, Paulo Afonso, Porto Seguro, Santo Antônio de Jesus, Teixeira de Freitas e Vitória da Conquista, conforme aponta o Mapa 1. É preciso frisar que o conceito de cidade média adotado neste estudo é o mesmo utilizado pelo IBGE, sendo aquelas cidades que apresentam população entre 100 até 500 mil habitantes.



Figura 1: Localização das cidades médias não metropolitanas da Bahia



Fonte: Malhas territoriais (IBGE, 2021).

O recorte temporal contempla o ano de 2000 e de 2010, último ano de divulgação do Censo Demográfico brasileiro, a fim de fazer uma comparação no referido intervalo. Para tanto, a principal fonte de informações são os microdados dos Censos Demográficos 2000 e 2010, levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em relação ao tratamento das informações, foram utilizados os softwares *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), para a extração dos dados descritivos. Por sua vez, o *Excel* foi usado para elaboração e formatação de tabelas, enquanto o *QGIS* para a criação de figuras/mapas.

3.2 Definições adotadas no estudo

- **Migrante inter-regional (longa distância):** indivíduo com cinco anos ou mais de idade, cuja data de referência do Censo Demográfico residia em uma das cidades médias não metropolitanas da Bahia mas, exatamente cinco anos antes do levantamento, morava em outro município de outra grande região do Brasil (Norte, Sudeste, Sul ou Centro-Oeste);
- **Migrante intrarregional (média distância):** indivíduo com cinco anos ou mais de idade, que na data de referência do Censo Demográfico residia em uma das cidades médias não metropolitanas da Bahia mas, exatamente cinco anos antes do levantamento, morava em outro município da região Nordeste;
- **Migrante intraestadual (curta distância):** indivíduo com cinco anos ou mais de idade, cuja data de referência do Censo Demográfico residia em uma das cidades médias não metropolitanas da Bahia mas, exatamente cinco anos antes do levantamento, morava em outro município do estado da Bahia.



3.3 Matriz migratória, volume de migrantes e saldo migratório

A matriz migratória é uma tabela que mensura os locais de origem e de destino dos migrantes (Dagnino; D'antona, 2016). A partir dela será possível calcular o volume de imigrantes (I) e de emigrantes (E), bem como o saldo migratório (SM), em três modalidades de fluxos: inter-regional, que é o deslocamento de uma grande região para outra, que tipifica como de longa distância; intrarregional, que se refere ao fluxo dentro da mesma região, também conhecido como de média distância; e o intraestadual, deslocamento dentro do mesmo estado, portanto, de curta distância. A matriz pode ser sintetizada da seguinte forma:

$$A = \begin{bmatrix} a_{11} & \cdots & a_{1j} \\ \vdots & \ddots & \vdots \\ a_{j1} & \cdots & a_{jj} \end{bmatrix} \quad (1)$$

$A = a_{ij}$ = saída do migrante da área i para a área j

$\sum_{j=1}^n a_{1j}$: Total de pessoas que emigram das áreas i para as áreas j .

$\sum_{i=1}^n a_{i1}$: Total de pessoas que imigram das áreas j para as áreas i .

$$a_{11} = a_{22} = a_{33} = \dots = a_{jj} = 0$$

A Migração Bruta (MB) aponta o total de imigrantes e de emigrantes, de acordo com a fórmula:

$$MB = I + E \quad (2)$$

Outro indicador utilizado é o Saldo Migratório (SM), que corresponde a diferença entre o total de imigrantes e o de emigrantes, conforme a seguir:

$$SM = I - E \quad (3)$$

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante do principal objetivo que o presente trabalho se colocou a estudar, esta seção busca, em um primeiro momento, analisar os fluxos migratórios das cidades médias não metropolitanas da Bahia para no ano de 2000 e 2010, considerando o fluxo inter-regional (longa distância), intrarregional (média distância) e intraestadual (curta distância). Em seguida, mensurar os efeitos das variáveis dos indivíduos no tocante à probabilidade de migrar, a partir da aplicação do modelo probit de regressão.

A Tabela 5 mostra o volume da migração inter-regional de e para as cidades médias que fazem parte do escopo desta pesquisa, no ano de 2000. A migração bruta total (103.496) mostra que existe um grande fluxo de pessoas, contudo, a maior parte desse fluxo é de emigrantes (71.581), ou seja, pessoas que deixaram as cidades médias não metropolitanas da Bahia e foram para outra região (Norte, Sudeste, Sul e Centro-Oeste), e somente 31.915 imigrantes foram para essas cidades representando um saldo negativo de 39.666 pessoas.



Tabela 5: Fluxo inter-regional das Cidades Médias não metropolitanas da Bahia – 2000

Municípios	Imigrantes	%	Emigrantes	%	MB	SM
Alagoinhas	969	3,04	2.756	3,85	3.725	-1.787
Barreiras	6.402	20,06	7.106	9,93	13.508	-704
Ilhéus	3.979	12,47	12.816	17,90	16.795	-8.837
Itabuna	3.911	12,25	14.446	20,18	18.357	-10.535
Jequié	2.442	7,65	7.127	9,96	9.569	-4.685
Juazeiro	2.128	6,67	3.993	5,58	6.121	-1.865
Teixeira de Freitas	5.601	17,55	9.515	13,29	15.116	-3.914
Vitória da Conquista	6.483	20,31	13.822	19,31	20.305	-7.339
Total Cidades Médias	31.915	100,00	71.581	100,00	103.496	-39.666

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2000).

Este saldo negativo (-39.666) foi puxado por Itabuna (-10.535) e Ilhéus (-8.837). Um dos motivos que ajuda a explicar o caso dessas cidades seria a crise da economia cacauífera desde a década de 1980, provocada pela peste da “vassoura-de-bruxa” (Queiroz et al, 2020). Fazendo com que essas cidades perdessem, parcialmente, o seu poder de atratividade demográfica, assim como influência regional, devido a importância do setor do cacau para a economia de Itabuna e Ilhéus.

A Tabela 6 descreve o fluxo migratório intrarregional da e para as cidades médias presente nesse estudo, no ano de 2000. Dos três fluxos analisados, esse é o que possui o menor volume de pessoas. Isso é demonstrado com a migração bruta total (21.328). Ou seja, existe uma certa predileção pelo movimento de longa distância (inter-regional) e, principalmente, de curta distância (intraestadual), conforme aponta a Tabela 7. Essa preferência foi registrada em outros estudos, como o de Queiroz *et al.* (2020) que estudou a migração em cidades médias não metropolitanas no Nordeste.

Contudo, diferentemente do que foi registrado no primeiro tipo de fluxo (longa distância), no fluxo intrarregional (média distância), ou melhor, dentro da região Nordeste, constatou-se um saldo migratório positivo de 4.790 pessoas, ou seja, o número de imigrantes (13.059) foi maior do que o número de emigrantes (-8.269). Esse resultado positivo foi influenciado principalmente pelas cidades médias de Juazeiro/BA (4.519) e Barreiras/BA (1.050), mostrando que são referências na atratividade de migrantes das Unidades da Federação do Nordeste.

Tabela 6: Fluxo intrarregional das Cidades Médias não metropolitanas da Bahia – 2000

Municípios	Imigrantes	%	Emigrantes	%	MB	SM
Alagoinhas	533	4,08	749	9,06	1.282	-216
Barreiras	1.847	14,14	797	9,64	2.644	1.050
Ilhéus	483	3,70	600	7,26	1.083	-117
Itabuna	485	3,71	850	10,28	1.335	-365
Jequié	291	2,23	302	3,65	593	-11
Juazeiro	8.620	66,01	4.101	49,59	12.721	4.519
Teixeira de Freitas	155	1,19	227	2,75	382	-72
Vitória da Conquista	645	4,94	643	7,78	1.288	2
Total Cidades Médias	13.059	100,00	8.269	100,00	21.328	4.790

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2000).

Ambas as cidades possuem características semelhantes, com um setor agropecuário e fruticultura muito forte. No caso de Juazeiro/BA, se destacam a produção de manga e uva. Segundo Pereira (2012), os resultados positivos na fruticultura irrigada impactam além do mercado de trabalho no setor agrícola, pois define especificidades importantes presente nesse município e no seu entorno,



como por exemplo, a manutenção da população ocupada no setor primário. O crescimento desse setor é um dos motivos que explicam o saldo migratório na cidade de Juazeiro/BA e atração de migrantes.

No caso de Barreiras, de acordo com Mondardo (2012), houve um crescimento ascendente na agropecuária desde a década de 1990, provocando mudanças significativas no espaço urbano através de um vertiginoso crescimento populacional desde a década de 1970.

Por sua vez, a Tabela 7 demonstra o fluxo intraestadual das cidades médias no ano 2000. É possível perceber a partir da migração bruta total (147.854) que esse é o fluxo com maior volume de migrantes. Essa tendência de aumento dos fluxos de curta distância começou a partir da década de 1980 no Brasil (Brito, 1999). Os resultados desta pesquisa mostram que esta tendência também se faz presente no estado da Bahia.

O saldo migratório positivo em 29.354 pessoas, nos anos 2000, enfatiza a relevância dessas cidades médias no estado da Bahia e em sua região, devido ao seu potencial de atratividade e manutenção da população. Dentre as cidades, a que apresentou o maior saldo migratório foi Barreiras (11.718), resultado já justificado no fluxo intrarregional, devido ao seu desempenho econômico, principalmente no setor primário, com destaque para a plantação de soja.

Tabela 7: Fluxo intraestadual das Cidades Médias não metropolitanas da Bahia – 2000

Municípios	Imigrantes	%	Emigrantes	%	MB	SM
Alagoinhas	6.241	7,04	7.326	12,36	13.567	-1.085
Barreiras	16.286	18,38	4.568	7,71	20.854	11.718
Ilhéus	13.431	15,16	9.040	15,26	22.471	4.391
Itabuna	11.828	13,35	13.059	22,04	24.887	-1.231
Jequié	7.267	8,20	6.602	11,14	13.869	665
Juazeiro	8.674	9,79	5.585	9,43	14.259	3.089
Teixeira de Freitas	9.799	11,06	4.547	7,67	14.346	5.252
Vitória da Conquista	15.078	17,02	8.523	14,38	23.601	6.555
Total Cidades Médias	88.604	100,00	59.250	100,00	147.854	29.354

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2000).

Somente as cidades de Itabuna (-1.231) e Alagoinhas (-1.085) registraram um saldo migratório negativo no fluxo intraestadual. Com relação a Itabuna, um dos fatores que contribuem para o entendimento da situação dessa cidade é a crise na economia cacauera causada pela praga da "vassoura-de-bruxa". Como a economia de Itabuna é movimentada, principalmente pelo setor do cacau, a crise desse produto provocou uma diminuição parcial do poder de atração demográfica e da influência regional (Queiroz et al, 2020).

A Tabela 8 mostra o fluxo inter-regional das cidades médias no ano de 2010. A migração bruta total (108.165) aponta que existe um grande contingente de pessoas nesse fluxo migratório. Entretanto, o volume maior é de emigrantes (72.639) e com um menor número de imigrantes (35.526), gerando um saldo migratório negativo de 37.113 pessoas, tendência que já havia sido observada, mas com um saldo migratório negativo menor quando comparado a 2000 (-39.666).

As cidades de Itabuna (-7.038) e Ilhéus (-6.781) foram as que registraram o pior desempenho no fluxo de longa distância. O mesmo aconteceu em 2000, mas o resultado foi melhor. Como já mencionado, ambas as cidades foram fortemente afetadas pela crise do cacau. Segundo Pessoti (2020), a associação de Itabuna e Ilhéus configura bi polos urbanos, cuja características são de duas cidades com funções complementares e que se beneficiam uma da outra. Por sua vez, Ilhéus exerce várias funções, entre elas a atividade turística. Isso permite a conformação do bi polo com Itabuna, que hoje tem a função de centro comercial (Pessoti, 2020). Esses fatores ajudam a explicar a melhora no desempenho de ambas as cidades quando comparadas com 2000.



Tabela 8: Fluxo inter-regional das Cidades Médias não metropolitanas da Bahia – 2010

Municípios	Imigrantes	%	Emigrantes	%	MB	SM
Alagoinhas	796	2,24	1.821	2,51	2.617	-1.025
Barreiras	3.825	10,77	5.914	8,14	9.739	-2.089
Eunápolis	3.334	9,38	4.042	5,56	7.376	-708
Ilhéus	3.957	11,14	10.738	14,78	14.695	-6.781
Itabuna	2.581	7,27	9.619	13,24	12.200	-7.038
Jequié	2.057	5,79	5.705	7,85	7.762	-3.648
Juazeiro	1.533	4,32	3.988	5,49	5.521	-2.455
Paulo Afonso	1.519	4,28	4.570	6,29	6.089	-3.051
Porto Seguro	4.167	11,73	7.831	10,78	11.998	-3.664
Teixeira de Freitas	5.832	16,42	7.155	9,85	12.987	-1.323
Vitória da Conquista	5.925	16,68	11.256	15,50	17.181	-5.331
Total Cidades Médias	35.526	100,00	72.639	100,00	108.165	-37.113

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2010).

Conforme a Tabela 9, a migração intrarregional (média distância) continua sendo o deslocamento com menor fluxo de pessoas, com uma migração bruta de 27.210. A preferência pelo fluxo inter-regional (longa distância) e intraestadual (curta distância) aconteceu em 2000, e em outros estudos que tratam sobre o tema (Queiroz *et al.*, 2020). Entretanto, o saldo migratório positivo (284) foi menor do que o apresentado no primeiro ano do estudo (4.790).

Este resultado pode indicar uma perda de atratividade das cidades médias da Bahia, no fluxo de média distância (intrarregional) que pode ser consequência de uma economia menos aquecida. De acordo com Pessoti e Pessoti (2019, p. 406):

A Bahia que já chegou a representar aproximadamente 40% da economia do Nordeste em 1985, passou para 28,9% em 2015, assim como a representação na economia nacional passou de 5,4% em 1985 para 4,1% em 2015 (saíndo de 6ª economia para 7ª). Isso indica que outros Estados da própria região Nordeste estão recebendo o aporte de mais investimentos que estão modificando a estrutura histórica de participação.

Tabela 9: Fluxo intrarregional das Cidades Médias não metropolitanas da Bahia – 2010

Municípios	Imigrantes	%	Emigrantes	%	MB	SM
Alagoinhas	641	4,66	1.063	7,90	1.704	-422
Barreiras	884	6,43	579	4,30	1.463	305
Eunápolis	263	1,91	210	1,56	473	53
Ilhéus	321	2,34	695	5,16	1.016	-374
Itabuna	393	2,86	800	5,94	1.193	-407
Jequié	304	2,21	292	2,17	596	12
Juazeiro	5.455	39,68	4.746	35,25	10.201	709
Paulo Afonso	4.355	31,68	4.052	30,10	8.407	303
Porto Seguro	249	1,81	222	1,65	471	27
Teixeira de Freitas	285	2,07	284	2,11	569	1
Vitória da Conquista	597	4,34	520	3,86	1.117	77
Total Cidades Médias	13.747	100,00	13.463	100,00	27.210	284

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2010).

Além disso, a Tabela 10 apresenta o fluxo intraestadual das cidades médias que fazem parte do escopo desta pesquisa, no ano de 2010. A migração bruta total (243.863) mostra que esse é um



fluxo com um grande volume de pessoas, assim como em 2000. Todavia, o saldo migratório total (16.809) foi menor do que o registrado em 2000 (29.354). Isso acontece por causa do aumento expressivo do número de emigrantes (113.527). Um fator que ajuda a explicar esses resultados é a concentração regional, econômica e populacional na RMS - Região Metropolitana de Salvador (Queiroz; Souza, 2020).

O resultado de Barreiras foi o mais significativo. Em 2000, esse município registrou um saldo migratório de 11.718 e apenas 2.112 em 2010. Barreiras tem um setor agropecuário forte que foi influenciado pelos migrantes sulistas (Mondardo, 2012). Ou seja, no período de grande expansão desse setor o município recebeu muitos imigrantes, mas esse movimento vem perdendo força nos últimos anos, conforme aponta os dados da Tabela 7. Assim, a consolidação das migrações em Barreiras, pode ajudar a explicar a diminuição no saldo migratório quando comparado a 2000.

Portanto, a partir dos dados analisados, é possível concluir que existe um grande fluxo de pessoas da e para as cidades médias não metropolitanas da Bahia, tanto em 2000 como em 2010. As migrações inter-regional (longa distância) e intraestadual (curta distância) registraram um maior volume de pessoas, enquanto a migração intrarregional (média distância) apresentou um fluxo relativamente baixo nos dois anos do estudo.

Tabela 10: Fluxo intraestadual das Cidades Médias não metropolitanas da Bahia – 2010

Municípios	Imigrantes	%	Emigrantes	%	MB	SM
Alagoinhas	7.717	5,92	10.063	8,86	17.780	-2.346
Barreiras	11.381	8,73	9.269	8,16	20.650	2.112
Eunápolis	10.504	8,06	8.955	7,89	19.459	1.549
Ilhéus	13.863	10,64	14.023	12,35	27.886	-160
Itabuna	14.735	11,31	15.923	14,03	30.658	-1.188
Jequié	8.701	6,68	8.469	7,46	17.170	232
Juazeiro	10.445	8,01	8.427	7,42	18.872	2.018
Paulo Afonso	4.717	3,62	4.580	4,03	9.297	137
Porto Seguro	15.889	12,19	10.636	9,37	26.525	5.253
Teixeira de Freitas	13.148	10,09	8.372	7,37	21.520	4.776
Vitória da Conquista	19.236	14,76	14.810	13,05	34.046	4.426
Total Cidades Médias	130.336	100,00	113.527	100,00	243.863	16.809

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2010).

Ademais, o fluxo migratório inter-regional registrou um saldo negativo em 2000 e 2010, ou seja, as cidades médias não metropolitanas da Bahia perdem população para as outras regiões do Brasil (Norte, Sudeste, Sul e Centro-Oeste). Entretanto, ganham população com relação a migração intrarregional e intraestadual. Assim, essas cidades possuem uma certa capacidade atrativa na região Nordeste e dentro do próprio estado da Bahia. É válido destacar que os resultados da migração intrarregional e intraestadual em 2010 foram relativamente menores quando comparado com 2000. Isso pode indicar que as pessoas estão migrando menos, ou melhor, aumenta a imobilidade ou a consolidação das migrações. Sendo assim, faz-se necessário acompanhar para ver se essa tendência se manterá com o tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura existente mostra um crescimento expressivo, no Brasil e no mundo, das cidades classificadas como médias, no caso do Brasil, aquelas com população entre 100 mil e 500 mil habitantes, conforme o IBGE. Em 2010, o Brasil registrou 245 cidades com essa classificação, o Nordeste



possuía 47, e em cidades não metropolitanas da referida região 30, sendo que dessas, 11 estavam localizadas na Bahia, cuja população era 1.798.867 milhões de habitantes.

Considerando este cenário, o presente trabalho teve como objetivo principal analisar as migrações inter-regional (longa distância), intrarregional (média distância) e intraestadual (curta distância) das e para as cidades médias não metropolitanas da Bahia, em 2000 e 2010, para observar quem ganha ou perde população.

Com relação as migrações, resumidamente, o estudo nas cidades médias não metropolitanas da Bahia, em 2000 e 2010, revela um grande fluxo migratório, tanto de imigrantes (entrada) quanto de emigrantes (saída). Observa-se que a migração inter-regional (longa distância) e intraestadual (curta distância) apresentam um maior volume de pessoas, enquanto a migração intrarregional (média distância) teve um fluxo relativamente baixo em ambos os anos, mas com saldo positivo em 2000 e 2010, apesar do arrefecimento.

Ademais, o fluxo migratório inter-regional (longa distância) mostrou um saldo negativo em 2000 e 2010, indicando que essas cidades continuam com as perdas históricas de população para outras regiões do Brasil (Norte, Sudeste, Sul e Centro-Oeste). Todavia, em anos recentes, ganham população através da migração intrarregional e notadamente intraestadual, demonstrando uma capacidade atrativa dentro da região Nordeste e, principalmente, no próprio estado da Bahia.

Em se tratando dos municípios que mais atraem ou expulsam pessoas, no fluxo inter-regional ou de longa distância, seja em 2000 ou 2010, todas apresentaram perda populacional, tendo como destaques Itabuna e Ilhéus com maiores saldos migratórios negativos. Por sua vez, referente aos mais atrativos, no deslocamento intrarregional (média distância), Juazeiro se sobressai com o maior saldo positivo (em 2000 e 2010), enquanto no fluxo intraestadual (curta distância), em 2000, a maioria resultou em saldo positivo, com destaque para Barreiras, seguido por Vitória da Conquista e Teixeira de Freitas. Quanto a 2010, constatou-se mudanças, dado que Porto Seguro, Teixeira de Freitas e Vitória da Conquista apresentaram os maiores saldos migratórios positivos.

Portanto, com o presente estudo foi possível concluir que as cidades médias não metropolitanas da Bahia possuem um papel significativo na atração de migrantes com forte influência do fluxo de média e, notadamente, de curta distância, mas ainda perdem população no fluxo de longa distância. Destarte, o recorte geográfico e o período analisado permitiram identificar uma mudança de panorama, no qual as cidades estudadas apresentaram um potencial atrativo que merece ser aprofundado e analisado, na medida que elas podem ser fundamentais para arrefecer a concentração populacional nas metrópoles e capitais, como Salvador e na RMS, ampliando os espaços das migrações em áreas não metropolitanas da Bahia, precisamente para as suas cidades médias.

Neste contexto, estas cidades precisam planejar o aumento da demanda por mais oportunidades de trabalho, infraestrutura, transporte público, vagas em creches, escolas, universidades, atendimento de saúde, entre outros serviços e, com isso, serem cidades que criem oportunidades, dado que milhares de pessoas que emigram dos grandes centros urbanos, vão em busca de segurança, qualidade de vida, menor custo de vida, entre outras.

6. REFERÊNCIAS

ALENCAR, N. D. S.; JUSTO, W. R. Dinâmica de crescimento econômico das cidades médias do Nordeste: 1991 a 2016. **Geosul**, v. 37, n. 84, p. 256-281, 2022.

ANDRADE, T. A.; SANTOS, A. M. S. P.; SERRA, R. V. Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras - a experiência do período 1980/1996. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**, Rio de Janeiro, p. 1-31, 2000.

BRITO, F. Minas e o Nordeste, perspectivas migratórias dos dois grandes reservatórios de força de trabalho. **In: II Encontro Nacional Sobre Migração, 1999, Belo Horizonte**. Belo Horizonte:



Abep/GT de Migração, 1999. Memórias da economia baiana / Gustavo Casseb Pessoti (organizador). – Salvador: SEI, 2020. 408 p.

DAGNINO, R.; D'ANTONA, A. Visualização de dados espaciais em estudos de migração. **In: VII Congresso da Associação Latino-americana de População e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, p. 1-19, 2016.

Desenvolvimento Humano. **AtlasBrasil**. Disponível em: [Atlas Brasil](#). Acesso em: 27/03/2024.

GUERRA, O. F.; GONZALEZ, P. S. H. Crescimento econômico e desigualdade social na Bahia. **Conselho Regional de Economia – BA (CORECON)**, p. 1-19, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000**, Rio de Janeiro-RJ, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**, Rio de Janeiro-RJ, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malhas territoriais**, Rio de Janeiro-RJ, 2021.

MONDARDO, M. L. A “territorialização” do agronegócio globalizado em Barreiras – BA: Migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio territoriais. **Revista NERA**, (17), 112–130, 2012.

MUNIZ FILHO, A. Juazeiro (BA) e Petrolina (PE) - cidades médias fronteiriças no Sertão do São Francisco, Brasil. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 14, p. 1–21, 2020.

PEREIRA, M. A. T. **Fruticultura, emprego e migração: o caso da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA**. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

QUEIROZ, F. A.; SOUZA, L.; REIS, R. B. A Bahia não é só Salvador: uma análise do desenvolvimento econômico desigual no estado. **Revista Científica do Sertão Baiano**, v. 1, n. 1, p. 9-21, 2020.

QUEIROZ, S. N.; OJIMA, R.; CAMPOS, J.; FUSCO, W. Migração em cidades médias do interior nordestino: a atração migratória como elemento distintivo. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 22, 2020.

SANTOS, A. R. **Desenvolvimento local: mito ou realidade? o caso do pólo de confecções de Jequié/BA**. 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano) - Universidade Salvador, Salvador, 2009.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **PIB Municipal 2002**. Bahia, 2002

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **PIB Municipal 2010**. Bahia, 2010.

SOARES, Beatriz R. Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização. **Formação (online)**, v. 1, n. 6, p. 55-63, 1999.



Políticas públicas no Brasil: experiências metodologias e avaliações.



STABACK, D. F.; FERRERA, L. J. Cidades médias brasileiras e sua convergência de crescimento e desenvolvimento socioeconômico. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 15, 2023.